

JUDITH BUTLER LEITORA DE LOUIS ALTHUSSER: INTERPELAÇÃO, GÊNERO E MATERIALIDADE DO DISCURSO

Rodrigo Augusto Leal da Silva¹

Resumo:

Este artigo investiga a influência da teoria de Louis Althusser na filosofia de gênero de Judith Butler, com foco na categoria da interpelação. O objetivo é analisar como Butler (1997; 2020) se apropria da interpelação althusseriana para compreender os atravessamentos de gênero e sexualidade nas relações sociais capitalistas. Metodologicamente, o trabalho revisita criticamente a categoria althusseriana da interpelação, contrastando-a com as formulações de Butler sobre gênero como performance/citacionalidade. A análise se concentra na forma como Butler reelabora a performatividade de gênero, aproximando-a da materialidade do discurso a partir da noção de citacionalidade. Os resultados apontam que Butler, ao dialogar com Althusser, propõe uma compreensão da interpelação que considera a possibilidade de falhas e resistências. A autora argumenta que a interpelação não determina completamente a subjetividade, abrindo espaço para subjetivações que escapam à lógica dominante do capitalismo e da heteronormatividade. Conclui-se que a leitura de Butler sobre Althusser enriquece o debate sobre gênero, poder e ideologia, ao destacar a materialidade do discurso e a importância das lutas contra as normas de gênero e as desigualdades sociais. A análise revela que a sociabilidade capitalista não molda subjetividades de forma mecânica e inexorável, e que as falhas nos processos de interpelação podem gerar consciência crítica e resistência.

Palavras-chave: Judith Butler. Louis Althusser. Interpelação. Gênero. Discurso.

JUDITH BUTLER READS LOUIS ALTHUSSER: INTERPELLATION, GENDER AND MATERIALITY OF DISCOURSE

296

Abstract:

This article investigates the influence of Louis Althusser's theory on Judith Butler's gender philosophy, focusing on the category of interpellation. The objective is to analyze how Butler (1997; 2020) appropriates Althusserian interpellation to understand the intersections of gender and sexuality in capitalist social relations. Methodologically, the work critically revisits the Althusserian category of interpellation, contrasting it with Butler's formulations on gender as performance/citationality. The analysis concentrates on how Butler reformulates the performativity of gender, approximating it to the materiality of discourse from the notion of citationality. The results indicate that Butler, in dialogue with Althusser, proposes an understanding of interpellation that considers the possibility of failures and resistances. The author argues that interpellation does not completely determine subjectivity, opening space for subjectifications that escape the dominant logic of capitalism and heteronormativity. It is concluded that Butler's reading of Althusser enriches the debate on gender, power, and ideology, highlighting the materiality of discourse and the importance of struggles against gender norms and social inequalities. The analysis reveals that capitalist sociability does not mold subjectivities in a mechanical and inexorable way, and that failures in the processes of interpellation can generate critical consciousness and resistance.

Keywords: Judith Butler. Louis Althusser. Interpellation. Gender. Discourse.

Introdução

¹ Graduado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (2012). Pós-graduado em Serviço Social (lato sensu) pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (2015). Pós-graduado lato sensu pelo Instituto Brasileiro de Ciências Criminais - IBCCRIM, curso Gênero, Direitos Humanos e Sistema de Justiça. Mestre em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP (2019). Doutor em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP (2024). Defensor Público do Estado de São Paulo desde 2014. ra.lealdasilva@gmail.com . <https://orcid.org/0000-0003-3757-2056>

A filosofia de gênero de Judith Butler tem provocado intenso debate no cenário acadêmico brasileiro. De um lado, há críticas marxistas que expressam forte resistência, argumentando que a teoria butleriana desconsidera as bases materiais das desigualdades de gênero, focando excessivamente na performatividade e na desconstrução de normas. Para essas vertentes, a ênfase na linguagem e no discurso obscurece o papel das estruturas econômicas e sociais na produção das opressões de gênero.

Por outro lado, há também críticas marxistas que defendem a possibilidade de uma leitura materialista de Butler, argumentando que sua obra não ignora as condições materiais, mas as trata a partir do prisma da linguagem que é, em síntese, ela própria parte da materialidade. Essa interpretação se fortalece ao analisar o diálogo da autora com Louis Althusser, em que Butler explora a relação entre ideologia, poder e subjetividade. A partir dessa perspectiva, a performatividade de gênero pode ser entendida como um processo material, enraizado em práticas e instituições que moldam os corpos e as identidades.

Nesse sentido, a análise das normas de gênero como mecanismos de poder, proposta por Butler, pode complementar a crítica marxista, ao revelar como o capitalismo se apropria e instrumentaliza as diferenças de gênero para a reprodução das desigualdades. Assim, o debate sobre Butler no Brasil revela a complexidade e a riqueza da teoria de gênero, bem como a necessidade de um diálogo interdisciplinar para a compreensão das opressões contemporâneas.

O presente artigo sintetiza parte das investigações filosóficas desenvolvidas no bojo de pesquisa para elaboração de tese de doutorado em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, enfatizando-se, aqui, a importância da retomada crítica da categoria althusseriana da interpelação para a compreensão dos atravessamentos de gênero e sexualidade nas relações sociais capitalistas.

Neste trabalho, focamos na forma como Louis Althusser abordou a ideologia em seus últimos escritos, especialmente pelo desenvolvimento teórico dos aparelhos ideológicos do Estado (Althusser, 1980). Não exploramos suas ideias iniciais sobre ideologia nem suas críticas mais radicais a Hegel presentes em seus primeiros trabalhos, mas sim suas concepções acerca da ideologia na maturidade (Motta *et al.*, 2014; Mascaro, 2021). Assim, nosso objetivo não é fazer uma análise completa do marxismo estruturalista de Althusser, mas sim utilizar suas ideias sobre ideologia para investigar mais detidamente sua influência sobre a filosofia de gênero de Judith Butler.

Na direção desse objetivo, o presente artigo foi dividido em algumas partes. Na primeira parte traz-se uma brevíssima síntese da concepção do gênero como performance na filosofia de Butler (1990), posteriormente reformulada como citacionalidade pela própria autora (Butler, 2020).

Gênero como performance/citacionalidade em Judith Butler

Butler propõe em *Gender trouble* (1990) que o binarismo de gênero, além de instituir assimetrias socioculturais e políticas, pressupõe a heterossexualidade como norma compulsória. Tal pressuposto marginaliza outras expressões de sexualidade e identidade de gênero, relegando-as à abjeção e sujeitando-as a sanções repressivas. Simultaneamente, essas expressões abjetas são necessárias para reafirmar a validade discursiva da matriz heterossexual binária (Butler, 1990).

Cabe recordar de forma muito sucinta a categoria da abjeção na filosofia butleriana, que é apreendida pela filósofa da psicanálise feminista de Kristeva (1984). Com efeito, essa autora observou em termos psicanalíticos que na abjeção se dá tudo aquilo que oferece risco de subversão da identidade, do sistema e da ordem, trazendo inúmeros exemplos – desde a nata gordurosa emplastrada por cima do leite até o necrochorume dos cadáveres: algo que relembra o eu de sua mortalidade e, pois, causa-lhe horror, tendo que ser imediatamente expulso, foracluído, sob pena de desintegração do eu.

Ao investigar as relações de gênero, Butler (1990; 2020) demonstra que o abjeto está intrinsecamente ligado à heterossexualidade compulsória pressuposta na própria artificialidade do gênero, compreensão teórica que retoma da filosofia feminista de Monique Wittig: “a heterossexualidade hegemônica é em si um esforço constante e reiterado de imitações de suas próprias idealizações” (Butler, 2020, p. 215).

A heterossexualidade, um regime de poder, como afirma Bento (2012) a partir da filosofia butleriana, tem o abjeto como seu constituinte, de maneira que “a bicha, o sapatão, o afeminado são essenciais para realimentar a heterossexualidade, por não serem estranhos, externos a ela, mas porque a constitui” (Bento, 2012, p. 40-41).

E, ainda, nas próprias palavras de Butler (2020, p. 196-17), “a identificação sexual não tem lugar na negação em se identificar como homossexual, mas por meio de uma identificação com uma homossexualidade abjeta que nunca deve, por assim dizer, mostrar sua face”.

Adicionalmente, Butler (1990) desnaturaliza o sexo, investigando os discursos fundantes da cultura ocidental na psicanálise e antropologia. Tal investigação revela a presença implícita da heteronorma para além da proibição do incesto, o que a autora identifica no árduo percurso de crítica tanto à obra de Freud quanto de Lévi-Strauss.

Ao caracterizar as performances de gênero não binárias como pastiche, Butler (1990) evidencia a artificialidade das identidades de gênero e do sexo biológico, incluindo suas implicações normativas sobre genitália e reprodução. A autora situa a tese no âmbito da filosofia, enfatizando o caráter denunciativo das performances, no entanto, sem sugerir que tais críticas transcendam a racionalidade filosófica em direção a uma práxis absolutamente revolucionária. Em vez disso, a autora (Butler, 1990) retoma a concepção foucaultiana de um mundo preexistente, permeado por relações de poder, refutando a ideia de que a denúncia da artificialidade do gênero desconstrua as estruturas jurídico-sociais repressivas.

Posteriormente, Butler reelabora a performatividade de gênero como citacionalidade, perspectiva que retoma da iterabilidade derridiana e da interpretação de Derrida sobre a teoria dos atos de fala de Austin (Butler, 2020) – ou, melhor dizendo, como nos leciona Arruzza (2019), Butler o faz interpretando Austin e Derrida à sua maneira, inserindo-os no seu notório panteão erudito de diálogos filosóficos.

Trata-se de uma reformulação teórico-filosófica que, como já sustentamos (Autor, 2024), insere o gênero na esfera da materialidade ao tratá-lo como produto artificial do discurso a partir da ideia dos enunciados performativos, os quais também são dotados de materialidade: o discurso, ao produzir esses enunciados, produz materialidade.

Se, ao longo das infindáveis repetições do gênero e de suas recitações ao longo da história, surgem pontos de fricção na repetição iterativa, é certo que o assujeitamento do ser social pelas relações sociais no modo capitalista de produção não poderia de ser igualmente mecanicista e, por assim dizer, infalível. Desse modo, é absolutamente pertinente o questionamento de Butler (1997) acerca da categoria althusseriana da interpelação.

Para que se possa avançar nesse debate, é imprescindível retomar as categorias da interpelação e dos aparelhos ideológicos do Estado em Althusser (1980) para, posteriormente, analisarmos como se dá a sua reinterpretação por Butler (1997; 2020).

Recitações, performances, ideologias

Baldi (2019) ensina que, na obra marxiana, a categoria da ideologia é desenvolvida tanto em sentido negativo (como falsa consciência), quanto positivo (formas ideológicas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas de aquisição da consciência), o que alimenta um intenso debate entre marxistas e, inclusive, dá azo a posteriores desenvolvimentos para além do pensamento marxiano – e há até mesmo quem refute tais reformulações ulteriores.

Nesse sentido, é importante mencionar que a produção de Althusser se insere no âmbito do debate crítico da filosofia francesa de sua época, razão pela qual nela se encontram algumas categorias e perspectivas de análise muito caras à essa filosofia. É por tais razões que seus delineamentos acerca da ideologia travam relações de proximidade com a Psicanálise lacaniana e com a Filosofia da linguagem, em especial a análise do discurso, o que causa estranhamento a muitos setores do pensamento marxista – inclusive por aprofundar suas análises em torno da categoria do Sujeito como um ser subjetivado e, por conseguinte, envidar esforços de investigar criticamente os modos de subjetivação na sociedade capitalista (Mascaro, 2021).

Sem nenhuma pretensão de avançar nesse debate, cabe destacar que os desenvolvimentos althusserianos da ideologia reportam muito mais ao sentido positivo da ideologia do que ao negativo, partindo-se das formulações marxianas constantes do “Prefácio a Para a crítica da economia política” (Marx, 2012c) e, sobretudo, pela perspectiva estruturante e estrutural que o filósofo confere à categoria, que aponta até mesmo para sua penetração no inconsciente e na formação da subjetividade (Mascaro, 2021).

De acordo com Althusser (1980), a ideologia atua como condição basilar para a sustentação do sistema capitalista: para o filósofo, a explicitação das mediações capitalistas provocaria resistência imediata na classe trabalhadora. Por tal razão, a classe trabalhadora necessita acreditar no capitalismo e a burguesia delineia tal profissão de fé; a interpelação, por sua vez, configura-se como instrumento para tal delineamento.

Foi tomada da filosofia althusseriana, então, a ideia de que o funcionamento do modo capitalista de produção necessita não apenas de arranjos específicos das relações produtivas e das relações sociais como também da coparticipação de todos em comungar uma crença na naturalidade do sistema econômico. A percepção de que o capitalismo seria algo natural e dado, portanto, não é imposta sobre o sujeito por meio de coerção ou violência, mas transmitida de maneira reticular em toda a sociedade, por meio de processos de subjetivação que atingem, inclusive, o inconsciente (Althusser, 1980).

O sujeito, assim, não é apenas produto de múltiplas determinações traçadas pelas relações produtivas, mas é, sobretudo, resultado de diversos processos de subjetivação que atravessam os indivíduos na sociabilidade capitalista de forma fluida, dinâmica, e não cabe falar, portanto, de uma subjetivação estanque e monolítica (Althusser, 1980).

É verdade que, neste ponto, finca-se uma grande divergência entre o pensamento althusseriano e outras vertentes importantes da tradição marxista, como a lukacsiana, uma das tradições ainda mais fortes no marxismo brasileiro. Nesse sentido, conforme destacam Motta *et al.* (2014, p. 131), as divergências entre esses dois filósofos divergem são mais visíveis, por exemplo, ao se colocar lado a lado a compreensão althusseriana de sujeito e a tese de Lukács do ser social:

[...] A definição de sujeito por Althusser é completamente distinta da de Lukács: enquanto para o filósofo húngaro permanece no sentido que lhe confere o pensamento moderno sobre o Sujeito centrado, Althusser, por seu turno, demarca um novo sentido no pensamento marxista: o sujeito é descentrado já os sujeitos são constituídos por vários e diferentes *Sujeitos*. Cada sujeito está submetido a diversas (quando não, adversas) ideologias relativamente independentes. Cada sujeito vive, então, simultaneamente, em e sob várias ideologias cujos efeitos de submetimentos “combinam-se” em seus próprios atos, inscritos em práticas, regulamentados por rituais. As interpelações discursivas constituem em cada “indivíduo” uma pluralidade de *sujeitos*, e se *reconhece* em distintos *Sujeitos*.

301

Butler, porém, lê os aparelhos ideológicos do Estado na medida em que se aproximam muito mais da sua própria crítica ao paradigma cartesiano e ao mito do ser humano como eminentemente racional, o que faz em sua tese de doutorado (Butler, 2012). E, como sustentamos em outra ocasião (Autor, 2024), é retomando esse diálogo intenso de Butler com Althusser que se desvela na filósofa uma profunda crítica ao modo capitalista de produção já em sua obra da juventude, ainda que muitas vezes de forma implícita pela referência às categorias com as quais trabalha.

A ideologia althusseriana interpela sujeitos, e não coisas, de maneira que toda e qualquer prática humana é perpassada por ela, já que ocorre a subjetivação por interpelação do sujeito mesmo antes de seu nascimento; todavia, não se trata de uma figura espiritual ou metafísica, que ostenta a ideologia de eminente materialidade e que “representa a relação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência” (Althusser, 1980, p. 77).

É importante grifar esse ponto: a ideologia é material, tem materialidade. Ela não é uma abstração, mas também não é uma mera mediação que disfarça e distorce a percepção do real. Se a ideologia possui materialidade, então materialidade não é sinônimo de palpável, já que a ideologia não o é: ainda que se possa experimentar sensorialmente manifestações da

ideologia (os banheiros separados por sexos, os brinquedos dispostos nas prateleiras das lojas na divisão entre meninos e meninas), estas não se confundem com a ideologia propriamente dita. A ideologia é, evidentemente, discursiva.

A partir de tais considerações, a conclusão que já sustentamos em outra ocasião (Autor, 2024) é, portanto, no sentido de que se a ideologia, é discursiva e também possui materialidade, o discurso possui materialidade. Por conseguinte, não poderia ser tema alheio à crítica materialista histórica.

Ainda, entendemos que a concepção althusseriana da ideologia é identificável como um ponto de tangência e de aproximação entre a tradição marxista e a filosofia de inspiração nietzscheana, notadamente a de Michel Foucault, ainda que guardem substanciais divergências no que diz respeito à compreensão da questão de classes na perspectiva da microfísica do poder, de suas manifestações reticulares e como processos de subjetivação e de assujeitamento (Mascaro, 2021). Por tais razões que Althusser é um autor importante para o pensamento de juventude de Butler.

Nesse ponto específico, inclusive, outro elemento importante na apropriação butleriana da categoria da interpelação deve ser destacado: partindo do pensamento foucaultiano, Butler (1990) explicita em sua obra a adoção de uma concepção no sentido de que nascemos em um mundo que nos é dado, ou seja, nascemos já em inserção a uma série de expectativas culturais e sociais, bem como sofisticadas relações reticulares de poder. Como bem sintetiza didaticamente Bachur (2021, p. 271):

[...] Há, na interpelação, um momento performativo que contribui para a constituição do sujeito. É dizer, ninguém domina plenamente o processo de constituição de própria subjetividade, de sorte que a forma pela qual somos interpelados por outros contribui (sempre de maneira não soberana) para a elaboração de nossa própria auto-compreensão subjetiva.

Butler (1997; 2020), então, lê a interpelação althusseriana a partir da seguinte perquirição filosófica: qual seria o resultado da falha do processo de interpelação? Para a autora, essa hipótese não está explicitamente formulada em Althusser (1980), mas é possível compreender logicamente, a partir de sua argumentação, quais seriam os contornos de um processo falho de interpelação: se da falha da interpelação não se constitui sujeito, logo, esse mesmo pretendo sujeito não disporá de recursos de linguagem para se constituir, tendo em vista o procedimento simultâneo de constituição do sujeito e de incorporação da linguagem da ideologia.

Sem abordar eventuais respostas do filósofo a seus críticos em sua maturidade (Motta *et al.*, 2014) e mantendo-se em estrita leitura unicamente da sua obra publicada (Althusser, 1980), Butler (1997) se recusa a aceitar que não haveria subjetivação, conclusão essa que, como demonstrado, não está explicitamente formulada em Althusser (1980), porém seria aferível a partir de um exercício de interpretação lógica.

Em sentido diverso, todavia, Butler (1997) também não concorda com uma tese no sentido de existir sujeito pré-linguístico, um sujeito anterior à linguagem e à interpelação. É, portanto, o que poderíamos chamar de uma compenetrada leitora de Althusser, que se dedica ao aprofundamento de sua categoria da interpelação em seus próprios contornos e delineamentos.

Para a autora (Butler, 1997), haveria um desejo de ser constitutivo, uma possibilidade e potencialidade inclusive na direção de uma subjetivação mais ampla e ética. Ademais, essa concepção do desejo como potência constitutiva do sujeito se relaciona diretamente com sua tese da citacionalidade do gênero, marcada pela iterabilidade de performances repetidas sucessivamente em citação umas às outras, ainda que eventual e sutilmente disruptivas (2020).

303

Nesses termos, concluirá a autora (Butler, 1997) a partir de Althusser (1980) que a falha na interpelação não deixa de constituir sujeito, todavia abre possibilidades a outras formas de subjetivação fora da ideologia capitalista e das relações sociais no modo capitalista de produção, sobretudo no que diz respeito a novas expressões de gênero e de sexualidade.

Temos, então, que os processos de interpelação podem ser parcial ou totalmente falhos, e deixam de assujeitar pessoas com as expressões ideológicas do modo capitalista de produção. Quando falhos, abrem-se possibilidades de recusa e de resistência à ideologia capitalista por meio de subjetividades questionadoras da ideologia dominante. Estas, por sua vez, são extremamente perigosas à ordem vigente, como no caso das identidades de gênero fora do binarismo homem-mulher e das expressões de sexualidade fora da heterossexualidade compulsória, razão pela qual serão sancionadas como abjetas.

Butler (1997), como leitora de Althusser, oferece uma chave interpretativa que não invalida totalmente a ideia de que existam aparelhos ideológicos que interpelem as pessoas, senão revalida-a, ao afastar o abstracionismo racional, quando indaga a respeito das falhas nesse processo.

Voltando à leitura que Arruzza (2019) faz das principais obras de gênero de Butler (1990; 2020), pode-se concluir que a crítica à sociabilidade capitalista se faz presente na

filosofia da estadunidense de forma implícita, sem que haja uma direta explanação acerca da orientação das forças produtivas e suas consequências em termos das relações sociais.

Quando Butler (1990) remonta à mitologia ocidental da universalidade da vedação do incesto e revela haver no seu interior uma preocupação maior – a heterossexualidade compulsória – essa crítica está situada em termos históricos, principalmente no que diz respeito à formação social classista a partir da ascensão burguesa na Europa. Se o capitalismo venceu, por ora, ao redor do globo e as sociedades estão imbricadas em relações sociais capitalistas, é evidente que Butler olha para essas relações sociais classistas, marcadas pelas contradições produtivas, como anota Arruzza (1990).

A interpelação parcial ou totalmente falha que interessam à Butler (1997) leitora de Althusser (1980) são, nesse sentido, flancos de ruptura com a recitação de gênero, mas, igualmente, possibilidades de conscientização crítica do sujeito acerca das relações sociais capitalistas. Por conseguinte, se avançarmos na direção de uma interpretação marxista da própria filosofia butleriana, a produção do discurso assume características próprias dentro de uma processualidade histórica que, no modo capitalista de produção, não o isenta de ser produto do trabalho alienado e, principalmente, ser mercadoria.

304

Conclusão

Quando uma filósofa fora da tradição marxista como Butler lê Althusser e expande a investigação filosófica acerca da categoria da interpelação, temos uma tenaz percepção de que a sociabilidade capitalista não é uma mera mecanização produtora de subjetividades, pois há escapes e desvios que se abrem como flancos para o desenvolvimento de uma consciência crítica.

Categorias, como abjeção e desejo, serão postas em termos historicizados e balizados pelas contradições da sociedade de classes nessas leituras aproximativas, ainda que não explicitamente; elementos centrais do materialismo histórico, como a processualidade temporal da história e a materialidade, serão guias para se compreender as formulações e recitações discursivas do gênero.

Butler, como leitora de Althusser, traz para sua intrincada análise de subjetivação a partir do gênero e da sexualidade uma crítica que, ao mesmo tempo em que afasta o determinismo ortodoxo de algumas tradições marxistas, também ilumina uma conclusão

eminente da interpelação althusseriana no âmbito das relações sociais: o capitalismo não é explícito, assim como não são as regras atinentes à heterossexualidade compulsória.

Além disso, a leitura que Butler faz de Althusser é um dos muitos momentos em sua obra filosófica a partir dos quais é forçoso concluir ser o discurso matéria: o discurso tem materialidade e, nesses termos, a própria materialidade não pode ser interpretada sob um limitado prisma do palpável ou da experiência sinestésica.

Mais ainda, em sendo o discurso matéria, por uma perspectiva materialista histórica é possível enxergar o discurso como produto historicizado das relações sociais e das mediações das formas de produção. E, também, como as falhas na reiteração das subjetivações decorrentes desse discurso colocam sob questionamento não apenas expressões da sexualidade e identidades de gênero tidas por abjetas, como também possibilitam a própria crítica do modo capitalista de produção e da subjetivação no contexto das suas relações sociais.

Referências

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

ARRUZZA, C. Gênero como temporalidade social: Butler (e Marx). Tradução de Bárbara Castro. In: **Crítica Marxista**, Campinas, n° 49, p. 77-99, 2019. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie2020_05_06_11_34_09.pdf. Acesso em: 17 mar. 24.

BACHUR, J. P. Para uma sociologia da ressignificação. In: **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, Vol. 12, N.01, 2021 p. 263-295. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/v47YNbrQZWWxHBXHZPMjwvG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 mar. 24.

BALDI, L. A. de P. A categoria ideologia em Marx e a questão da falsa Consciência. In: **Katálisis**, Florianópolis, vol. 22, n° 3, p. 631-640, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/wVGTjr8gbDLb8fNGgWBJcSB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 mar. 24.

BENTO, B. **O que é transexualidade**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BUTLER, J. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. Nova Iorque: Routledge, 1990.

BUTLER, J. **The psychic life of power: theories in subjection**. Stanford: Stanford University Press, 1997.

BUTLER, Judith. **Subjects of desire: Hegelian reflections in twentieth-century France**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2012.

BUTLER, J. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. 1ª reimp. São Paulo: n-1, 2020.

KRISTEVA, J. **Powers of horror: an essay on abjection**. Tradução para o inglês de Leon S. Roudiez. Nova Iorque: Columbia University Press, 1984.

MARX, K. Prefácio a Para a crítica da Economia Política. *In*: NETTO, J. P. (org.). **O leitor de Marx**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012c.

MASCARO, A. L.. **Filosofia do direito**. 8ª ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MOTTA, L. E.; SERRA, C. H. A. A ideologia em Althusser e Laclau: diálogos (im)pertinentes. *In*: **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, vol. 22, nº 50, p. 125-147, jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/KCPFxfXGpLQD3q6MbZ5HbBJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 mar. 24.